

A atuação do professor de educação infantil sob a perspectiva freiriana

LIGIA DE CARVALHO ABÕES VERCELLI*

Resumo

Este texto tem por objetivo apontar uma forma possível de vislumbrar a atuação de professores de Educação Infantil sob a perspectiva do pensamento freiriano. Para tal, elenca-se quatro saberes à prática educativa abordados por Freire, os quais devem ser discutidos pelos professores formadores de futuros educadores de crianças pequenas, a saber: ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, ensinar exige respeito aos saberes do educando, ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando, ensinar exige querer bem aos educandos. Entende-se que é no curso de formação inicial, no caso Pedagogia, que essa reflexão deva iniciar uma vez que entender as especificidades da criança de 0 a 5 anos torna-se fundamental para quem busca esse nível de ensino como atuação profissional.

Palavras-chave: Educação Infantil; pensamento freiriano; atuação profissional.

The role of teacher education of children under the perspective freiriana

Abstract

This paper aims to indicate a possible glimpse of the role of teachers who will work in Early Childhood Education from the perspective Freirian way. For such lists are four knowledge for educational practice addressed by Freire, which should be discussed by teacher educators of future teachers of young children, namely: teaching requires the recognition and assumption of identity, respect for teaching requires knowledge of the educating, teaching requires respect for the autonomy of being the student, teaching requires students to want to as well. It is understood that it is in the initial training course, in the case Pedagogy, that this process should start once you understand the specifics of children 0-5 years, it becomes essential for those seeking this level of education and professional practice.

Key words: Childhood Education; Freirian; Professional Performance.



* **LIGIA DE CARVALHO ABÕES VERCELLI** é Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho (Uninove). Docente do curso de Pedagogia e professora do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE/Uninove). E-mail: ligia@uninove.br.

Introdução

“A educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade”.

Paulo Freire

Apesar de ter aumentado nas últimas décadas os debates referentes à formação de professores de creches e pré-escola e de a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN – lei nº9394/96) apontar esse nível de ensino como a primeira etapa da educação básica, esse tema ainda merece destaque.

Vê-se como necessário que o profissional que irá atuar com crianças pequenas deva, durante seu processo de formação, discutir as especificidades da criança de 0 a 5 anos no que se refere aos aspectos social, emocional e psicológico uma vez que essa faixa etária é fundamental para o desenvolvimento posterior da pessoa. Concorda-se com Gomes (2009, p. 25) que o professor de Educação Infantil,

[...] Não seria, de antemão, um educador infantil – tomando de empréstimo o sentido etimológico de “infância” – nem um profissional que segmente e hierarquize sua ação junto à criança, mas, antes, um profissional capaz de reconhecer sua(s) identidade(s) profissional (is) e a diversidade existente nesse campo e, assim como os professores dos demais níveis de ensino, com capacidades para fazer valer sua vez e sua voz e construir a autoria do seu processo formativo.

Para que isso ocorra, entende-se que algumas ideias de Paulo Freire oferecem subsídios aos futuros educadores que irão atuar na Educação Infantil. Dessa

forma, analisam-se quatro saberes necessários à prática educativa sob a ótica do autor, a saber: ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, ensinar exige respeito aos saberes do educando, ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando, ensinar exige querer bem aos educandos.

Vale lembrar que os saberes elencados apesar de serem apontados na obra “Pedagogia da autonomia” se encontram diluídos nas demais obras do autor, tais como: Pedagogia do oprimido (1987); Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar (2003); Pedagogia da Indignação (2000); A importância do ato de ler (2011); entre outras.

1. Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural

Quando Freire (2004) aborda esse saber deixa claro que o termo assunção refere-se ao conhecimento que os profissionais devem ter quando tomam uma decisão e suas consequências. Ressalta que esse termo tem um sentido radical quando assume que uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica “[...] é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se [...]” (FREIRE, 2004, p. 41).

Para o autor temos de deixar que os alunos se assumam como seres sociais e históricos, pensantes, comunicantes, transformadores, criadores, realizadores de sonhos uma vez que a assunção de nós mesmos não significa a exclusão do outro. Para que isso ocorra, é necessário que o docente conheça a realidade na qual trabalha, quem são seus alunos, seus gostos, suas dificuldades, quem são os pais das crianças, o que fazem, quem

cuida delas etc. Mas como proporcionar isso na Educação Infantil?

A roda de conversa seria um momento. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) ao discutir o eixo linguagem oral e escrita menciona a roda de conversa como atividade primordial nessa faixa etária. Entende-se que trata-se de um momento no qual as crianças, instigadas pelo professor, podem falar sobre si, seus desejos, brinquedos que mais gostam, sobre suas famílias, seus animais de estimação, suas habitações etc. Dá-se voz às crianças para que elas possam pensar a respeito do tema elencado a fim de que se comuniquem, troquem ideias com os colegas e deem suas opiniões sobre o que está sendo discutido. Nesse sentido, Freire (2003, p. 109) ressalta:

Ninguém rigorosamente ensina ninguém a falar. A gente aprende no mundo, na casa da gente, na sociedade, na rua, no bairro, na escola. A fala, a linguagem da gente, é uma aquisição. A gente adquire a fala socialmente. A fala vem muito antes da escrita, assim como uma certa “escrita” ou o anúncio dela vem muito antes do que a gente chama escrita [...].

A escuta e o olhar atentos do professor nesse momento propiciam que a troca de ideias ocorra, pois, o docente não está ali para julgar, mas para fazê-los pensar a respeito do que foi dito. Pode-se criar e recriar se, nesse momento, a tarefa for contação e invenção de histórias. A criança perceberá que tem liberdade para expor suas ideias e que são autores de seus textos.

Por isso mesmo, devemos estimular ao máximo as crianças para que falem e para que escrevam. É das garatujas, uma forma indiscutível de escrita, que devemos elogiar, que elas partem para a escrita a ser estimulada. Que escrevam, que

contem suas histórias, que as inventem e reinventem os contos populares de seu contexto.

Quando discute que ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, Freire (2004) salienta que a escola negligencia o caráter socializante e informal vivido nesse espaço e que a transmissão de saber por meio de conteúdos sistematizados ainda é realidade. Infelizmente, isso também acontece na Educação Infantil. Muitas escolas utilizam-se de apostilas nesse nível de ensino privando que os pequenos tenham contato maior com as brincadeiras e com o parque.

Afinal, segundo o autor é vivenciando a prática que se apreende o mundo. As crianças pequenas necessitam de oportunidades para se desenvolver e, em muitos casos, é a escola que propiciará esses momentos. Nessa idade, as brincadeiras ajudam no desenvolvimento, portanto, os pequenos, principalmente, os de creche necessitam de tempo para brincar.

Pesquisas indicam que quando a criança brinca, seu cérebro é ativado por meio da imaginação, da capacidade de concentração. Até os seis anos o cérebro da criança tem um aumento substancial na quantidade de neurônios. Em entrevista concedida ao jornal *Folha de S. Paulo* – caderno escolha a escola – hora certa de começar - veiculado no dia 22 de setembro de 2013, Paulo Junqueira, especialista em neurologia infantil afirma que “o cérebro vai se esculpindo conforme as experiências passam nessa idade. Se determinados circuitos não forem ativados, há uma poda nos neurônios não utilizados”.

Vê-se, portanto, a importância da Educação Infantil para o desenvolvimento global da criança. São as ações dos docentes que irão

possibilitar que elas atinjam o máximo da capacidade de que dispõem para a aprendizagem futura e para tal deve-se considerar as aprendizagens adquiridas fora do âmbito escolar e em diferentes espaços dentro da escola. Quanto a isso, Freire (2004, p. 44) afirma:

[...] No fundo passa despercebido a nós que foi aprendendo socialmente que mulheres e homens, historicamente, descobriram que é possível ensinar. Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação [...].

Essa fala aponta que o professor deve refletir sobre sua prática de forma crítica sempre no sentido de transformação de algo que foi posto como correto. Freire ressalta que o importante no trabalho docente não é a repetição mecânica de algo e sim a compreensão dos sentimentos, das emoções, dos desejos e da insegurança. Isso poderá ser feito por meio do diálogo entre os profissionais da escola e entre as crianças nas diferentes atividades formais e informais. Afinal, as crianças são seres históricos e produtores de cultura “[...] seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem” (FREIRE, 2000, p. 40).

Os docentes que lecionam no curso de Pedagogia, responsáveis pela formação de professores que irão atuar na Educação Infantil têm de abordar as especificidades da infância e as necessidades da criança pequena para que os futuros professores tenham

consciência do papel que lhes cabe como profissional.

2. Ensinar exige respeito aos saberes e à autonomia do ser do educando

Neste tópico junta-se dois saberes que entende-se relacionados, a saber: ensinar exige respeito aos saberes dos educandos e ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando. Neles, Freire (2004) destaca a importância de o professor relacionar os saberes adquiridos pelos alunos em outros espaços com os conteúdos a serem desenvolvidos em sala de aula, ou seja, articular a realidade concreta com os conhecimentos que são trabalhados na escola.

O autor aponta a necessidade de discutir as implicações políticas, ideológicas e éticas envolvidas nas diferentes questões. Será possível tal argumentação na Educação Infantil? Não discute-se a conceituação desses termos com crianças dessa faixa etária, mas realizam-se atividades nas quais eles comecem a introjetar tais conceitos.

Ryckebusch (2011) realizou uma pesquisa de doutoramento intitulada “A Roda de Conversa na Educação Infantil: uma abordagem crítico-colaborativa na produção de conhecimento” cujos resultados apontam que a promoção de um contexto colaborativo crítico por meio das rodas de conversa ampliou as possibilidades de desenvolvimento dos pequenos, uma vez que o ambiente organizado dessa forma possibilitou que as crianças interferissem na fala dos colegas, retomassem o assunto e ampliassem o que sabiam sobre ele, ocasionando, dessa forma, um saber compartilhado. A autora ressalta que:

O compartilhamento de novos significados permitiu a possibilidade de transformações nas regras e na divisão de trabalho. [...]

Elas entendiam ser meu papel tomar decisões de interesse do grupo, resolver conflitos, ser a interlocutora exclusiva de cada participante da roda. Ao serem constantemente convocadas a apresentar posições, a justificá-las, a questionar a posição do outro, a tomar decisões conjuntas, as crianças tornaram-se parceiras na produção coletiva. Nesse ambiente colaborativo, novos modos de agir começaram a ser apresentados por elas. Esses modos de agir revelaram um maior protagonismo e responsabilização no desenvolvimento da “Roda de Conversa”. (RYCKEBUSCH, 2011, p. 175)

O resultado dessa pesquisa aponta que a construção do pensamento crítico pode iniciar na mais tenra infância, obviamente levando-se em consideração as características de cada faixa etária. Os diferentes eixos propostos pelo RCNEI proporcionam essas discussões.

Para essa análise elenca-se o eixo Natureza e Sociedade que pode ser trabalhado também na roda de conversa. De acordo com o documento, o mundo no qual vivemos constitui-se em um conjunto de fenômenos naturais e sociais indissociáveis diante do qual as crianças se mostram curiosas e investigativas. Desde a aquisição da linguagem, elas fazem perguntas a respeito do funcionamento deste mundo. Trata-se, segundo Freire, da curiosidade epistemológica.

Nesse sentido, diversas situações vividas no cotidiano podem ser discutidas na sala de aula, a saber: fenômenos da natureza, diferentes habitações, diferentes animais, programação da televisão, desenhos da internet, histórias etc. O professor de Educação Infantil tem a possibilidade de elencar esses temas pedindo a participação da criança e

trabalhando valores, ética, respeito, cidadania etc.

Como exemplo pode-se discutir a questão do lixo jogado nas ruas. Por que isso acontece? Com a mediação do professor, as crianças levantam hipóteses que podem ser discutidas no dia a dia. Fotografias, cartazes, recortes de jornal e de revista podem ser aliados nesse momento. Nesse sentido, Freire (2003, p. 79) salienta que:

[...] em nossas relações com os educandos são um dos caminhos de que dispomos para exercer nossa intervenção na realidade a curto e a longo prazo. [...] nossas relações com os educandos, exigindo nosso respeito a eles, demandam igualmente nosso conhecimento das condições concretas de seu contexto, o qual os condiciona. Procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem.

Por que não pedir a ajuda de algumas crianças para cuidar das menores? Oferecer seu lanche ao coleguinha, emprestar seu brinquedo? Guardar o material usado? Arrumar a sala depois de usá-la? Por meio da discussão dessas pequenas ações que apreende-se o que é cidadania.

3. Ensinar exige querer bem aos educandos

Não há prática educativa se não há respeito pelo educando e se não se quer bem o aluno. Como salienta Freire (2004, p. 141) “[...] querer bem não significa na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual [...]”. Para ele, querer bem significa não ter

medo de expressar a afetividade. Significa que o professor tem de selar o seu compromisso para com o educando.

Freire ressalta que é fundamental não separar seriedade docente de afetividade, ou seja, o trabalho docente pode ser extremamente sério e repleto de afetividade. O que isso significa na Educação Infantil? A criança de 0 a 5 anos encontra-se em uma fase na qual está desenvolvendo os aspectos social, emocional, linguagem, motricidade etc.

Para que tenha segurança e confiança em si mesma deve construir uma boa imagem de si. Nesse sentido, o professor deve encorajá-la a realizar as atividades sem menosprezá-la nem humilhá-la. Ela encontra-se em um momento de descobertas e tudo que leva à escola, que faz, que fala está carregado de afeto. Não pode-se deixar de mostrar a importância dos seus feitos como também não deve-se permitir que a afetividade interfira no cumprimento ético da ação docente.

Como ressalta Freire (2004) o professor não deve ser [...] “adocicado” nem tampouco arestoso e amargo” (p. 141). Na Educação Infantil isso significa que o professor não deve utilizar de uma linguagem infantilizada e muito menos uma linguagem que a criança não entenda o que ele diz. Além disso, faz-se necessário colocar-se à altura da criança para que a conversa se dê olhos nos olhos.

A criança, sozinha, pode guardar os brinquedos, pegar sua lancheira, guardar a agenda, enfim agir de acordo com o que é capaz de realizar. Nesse sentido, Freire (2004, p. 142) salienta:

A atividade docente de que a discente não se separa. É uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo

contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também [...].

Entenda-se rigorosidade com o trabalho sério do professor que prepara suas aulas e respectivas atividades respeitando as especificidades da criança pequena levando em consideração o tripé da Educação Infantil que está pautado no cuidar, educar e brincar.

Para conseguir atingir seus objetivos o docente necessita de conhecimento científico e clareza política do seu papel a fim de possa exercer sua função com seriedade para que o ensino não seja comprometido por sua falta de domínio técnico. Afinal, “[...] A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente da permanência do hoje [...]” (FREIRE, 2004, p. 143).

Essa fala implica dizer que o professor de criança pequena deve estar em constante formação, deve estar a par de resultados de pesquisas na área para que possa dar conta da grande tarefa que lhe cabe e que, entende-se fora escolhida por ele.

Ninguém é obrigado a trabalhar com crianças de 0 a 5 anos se com elas não se identifica. O trabalho para trazer alegria deve ser algo que o docente se sinta bem em realizar, pois, o bem-estar da criança, sua aprendizagem, sua colaboração reflexiva, seu modo de agir são reflexo das atitudes dos docentes diante delas.

Considerações finais

Paulo Freire, no decorrer de toda sua obra, traz contribuições importantíssimas para os professores, mas como ele não aponta diretamente a educação de crianças pequenas propôs-

se, nesse texto, articular alguns saberes à prática educativa para a docência dessa faixa etária.

O trabalho com crianças pequenas exige que o professor tenha responsabilidade de suas ações e para que isso ocorra a formação desses profissionais deve estar voltada para a implicação das atitudes dos futuros docentes de modo que eles se percebam como corresponsáveis por seus atos.

Os docentes que lecionam no curso de Pedagogia têm papel fundante nesse processo, pois são eles que devem promover a reflexão em sala de aula no que se refere à profissionalidade e ao profissionalismo que cabe aos futuros professores de crianças de 0 a 5 anos.

Segundo Brzezinski (2013, p. 16-7), profissionalidade é “um conjunto de requisitos profissionais indispensáveis para transformar em professor aquele sujeito leigo que busca uma formação para o futuro exercício profissional no campo da docência [...]” e profissionalismo docente como o “desempenho compromissado dos deveres e responsabilidades no exercício da profissão [...]”.

Para que se apreenda essas categorias, a universidade deve ser o espaço de discussão e de reflexão das características das crianças pequenas e necessita fornecer subsídios para que os futuros profissionais possam lecionar nesse nível de ensino com a sensibilidade e com a percepção da responsabilidade que essa função exige.

A creche e a pré-escola são lugares do cuidado, da educação, da brincadeira e da socialização das crianças pequenas. Atividades diversificadas que promovam esses aspectos são, atualmente, exercício do docente desse nível de ensino e,

portanto, necessárias na formação profissional.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRZEZINSKI, Iria. Educação Infantil, profissionalização docente e a formação de professores no curso de Pedagogia. *Revista Dialogia*. São Paulo, n. 17, p. 15-35, jan/jun, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. *Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho D'água, 2003.

_____. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Marineide de Oliveira. *Formação de professores na Educação Infantil*. São Paulo: Cortez, 2009.

JUNQUEIRA, Paulo. Na primeira escola, brincadeiras fazem parte do currículo. *Jornal A Folha de São Paulo – caderno escolha a escola* – 22 de setembro de 2013, p. 12.

RYCKEBUSCH, Claudia Gil. A Roda de Conversa na Educação Infantil: uma abordagem crítico-colaborativa na produção de conhecimento. *Tese de Doutorado*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

Recebido em 201408-14
Publicado em 2015-01-15